



## AS REPRESENTAÇÕES DO ADOECIMENTO E SUAS RELAÇÕES COM AS PAIXÕES DA ALMA E O COMPORTAMENTO NOS SERMÕES DE ANTONIO VIEIRA: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS IDEIAS PSICOLÓGICAS NO BRASIL

Fernando A. Figueira do Nascimento<sup>1</sup>.

Christiane Alves Abdala<sup>2</sup>.

### Resumo

Este artigo tem o objetivo de estudar as representações sobre o adoecer e sua relação com as chamadas paixões da alma e o comportamento presentes nos sermões de Pe. Antonio Vieira. Os sermões no século XVII possuíam importante papel para o controle e o manejo dos afetos e comportamento. Pe. Antonio Vieira (1608-1697), um importante representante do barroco luso-brasileiro, acentuou em diversos de seus sermões o papel exercido pelas paixões da alma no surgimento de doenças do corpo, na emissão de comportamentos e nos apresentou diferentes sentidos para o adoecer a partir da tríade gozo-transgressão-adoecimento. Verificaremos sobre este último aspecto as ideias que nos ajudam a compreender as considerações do jesuíta sobre o dinamismo psíquico conforme a chamada psicologia filosófica aristotélico-tomista corrente na antiga Companhia de Jesus.

**Palavras chave:** História, História da Psicologia no Brasil, História da Ciência.

### Abstract

This article has the objective of studying the interest and ideas presented in the sermons of Father Antonio Vieira on affects and psychic dynamism. Sermons in the seventeenth century were tools for the control and management of emotions and behavior. Father Antonio Vieira (1608-1697), an important representative of Baroque Luso-Brazilian, stressed in diverse sermons, the role played by passions of the soul in the emergence of diseases of the body, the issue of behavior and different feelings for the sick from the enjoyment of the triad-transgression-illness. We will check on this aspect on the ideas that help us to understand the considerations of the Jesuit on psychic dynamism as the so called philosophical psychology current in the Aristotelian-Thomist old Society of Jesus.

**Keywords:** History, History of Psychology in Brazil, History of Science.

---

<sup>1</sup> Psicólogo, Mestre em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Professor na Faculdade Don Domênico. Contato: fernandofigueira76@hotmail.com

<sup>2</sup> Psicóloga, Mestranda em Ciência da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Preceptora na Residência Multiprofissional da UNIFESP campus Baixada Santista e no PRO/PET-Saúde. Contato: chris\_abdala@hotmail.com



## Introdução

A doença e o adoecimento fazem parte da história do Homem e podemos encontrar nas buscas para a cura das doenças e compreensão de suas causas as formas como ele singularizou e formulou questões relacionadas a sua natureza, ao mundo e a seu papel diante destes.

Através dos textos literários nas mais diferentes épocas temos acesso a diversos sentidos e representações sobre a doença e o adoecimento. Vejamos alguns: quais as causas para a peste em Tebas? Qual a representação do sofrimento do corpo durante as pestes na Europa do Século XVII? O que estremece Ivan Ilitch? O que condena o estrangeiro de Camus? Quem é Simão Bacamarte? Quem elogia a loucura em tempos de racionalidade? Quem cura o doente de Sêneca? Quem cura Gregor Samson, perguntaria Kafka enquanto Flaubert questionaria sobre Madame Bovary.<sup>3</sup>

Desta forma, no compasso das histórias chegamos a uma questão atual: quais as representações para as doenças? Questão que talvez nunca tenha deixado de ser repetida em cada tentativa de cura para algum sofrimento.

Laplantine (2010) em sua *Antropologia da doença* nos leva a diversos modelos e correntes que se entrecruzam para o entendimento, intervenções e representações da doença. Esses modelos dedicam-se a investigar as doenças e suas representações a partir, por exemplo do modelo alopatóico, ontológico ou funcional, atrativo ou subtrativo, exógeno ou endógeno. No entanto, nos ocorre uma questão: poderíamos encontrar representações e ideias metaculturais sobre a enfermidade?

Sem dúvida atualmente poderíamos responder, seguindo uma tendência do conhecimento médico de nossa época, que a alimentação, a falta de exercícios, fatores genéticos ou ambientais colaboram significativamente para o surgimento das doenças. Doenças crônicas como a Hipertensão Arterial Sistêmica, ou a Insuficiência Renal possuem entre suas causas a interação de diversos fatores, mas carregam em si diversas outras representações. Causa e representação não são a mesma coisa. Será que essas representações

---

<sup>3</sup> Ver: Nascimento, F.A.F. *A ideia de enfermidade em um sermão de Pe Antonio Vieira*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP. Capítulo dedicado para uma revisão sobre as representações da enfermidade



são diferentes daquelas que mencionamos acima? Ou ainda, daquela que nos propomos a estudar adiante tendo como referência a obra de Vieira? Deixemos por hora em suspenso<sup>4</sup>.

Por que estudar a história de uma ciência? Por que estudar ideias e representações que circularam em nossa cultura em um tempo já longínquo? Certamente não se trata de uma questão para demonstrar erudição. E apesar do passado de uma ciência não se confundir com o seu presente, como nos disse Bachelard (1971, p. 209), sua história nos revela possibilidade que além do presente nos propõem questões futuras. Para mais além, uma das possibilidades de pesquisa na História da Ciência é a busca pelas maneiras como o Homem se singularizou em tempos e espaços diversos. Conforme nos indica Alfonso-Goldfarb (2004, p. 88) a História da Ciência proporciona importantes e interessantes discussões sobre a construção e os vários modelos de conhecimento, além de caracterizar-se, sem abandonar o rigor científico e filosófico, em uma área que interage com diversos campos do saber. Se nos voltarmos para a História da Psicologia e das ideias psicológicas no Brasil veremos que elas nos proporcionam diversas perspectivas para a reflexão de nosso tempo, sendo uma delas justamente as representações de doença e sua relação com os afetos.

Segundo Massimi (1990, p.5), qualquer referência sobre assuntos psicológicos pode ser considerada como fonte de estudo para a história das ideias psicológicas. Assim, “a elaboração de conhecimentos psicológicos ao longo do tempo nas diferentes culturas (...)” pode caracterizar-se como objeto de estudo para essa área. (Massimi, 2004, p. 27). Desta forma,

(...) pode ser considerada toda e qualquer colocação sob forma discursiva de assuntos psicológicos (...) os elementos que caracterizam a cultura brasileira no contexto ocidental e os possíveis aspectos de inovação e de originalidade por ela surgidos no âmbito psicológico somente podem ser apreendidos numa perspectiva ampla e a partir de suas raízes históricas mais profundas. Massimi (1996, p. 80-81).

Desde as obras que datam do século XVI<sup>5</sup>, encontramos um grande campo para pesquisas que tem o objetivo de estudar sobre o conhecimento e as práticas que consideravam

---

<sup>4</sup> No ano de 2010 realizamos pesquisa com pacientes crônicos com o objetivo de investigar as representações que possuíam de sua doença. Entre as respostas obtidas predominantemente estavam a conduta moral (o excesso ou a falta) e as causas míticas, um pequeno número de respostas indicavam o conhecimento médico. As respostas apontavam para uma dupla representação da doença: punição e possibilidade de redenção. Em seu relato a maioria dos pacientes mencionaram culpa, direta ou indireta, pela doença.

<sup>5</sup> A carta de Pero Vaz e outros relatos de viagens são interessantes representantes dessa época.



o papel significativo dos afetos na determinação do comportamento e, no caso das doenças, no destino do indivíduo.

Assim, mesmo quanto ao enfrentamento das doenças, os textos dos jesuítas da antiga Companhia de Jesus apresentam-se como uma importante fonte de pesquisa. E vale mencionar ainda que os jesuítas desempenharam importante papel naquela época:

(...) o de portadores e transmissores da tradição medieval e renascentista da Europa no contexto da colônia além-mar, tendo eles propiciado e em parte se encarregando de realizar o enxerto das ideias, sonhos e desilusões, riquezas e contradições do Velho Mundo no terreno fecundo, virgem e desconhecido do Mundo Novo, onde irão estabelecer sua moradia. Massimi (2004, p. 29).

Neste artigo temos o objetivo de, através dos sermões de Antonio Vieira, analisar o interesse e as representações presentes na cultura luso-brasileira do século XVII sobre as paixões da alma, o adoecimento e sua relação com o comportamento.

O referido jesuíta é reconhecidamente um dos principais autores do barroco luso-brasileiro. Nasceu em Lisboa, a seis de fevereiro de 1608. Ainda menino, aos seis anos, veio para a Bahia, onde foi educado no colégio dos jesuítas. Logo aos vinte e sete anos, após completar seus estudos em Filosofia e Teologia, se tornou célebre por suas pregações. (Silva, 2003).

Após a aclamação de D. João IV, Vieira retornou a Europa, já em 1640, e foi então nomeado pregador régio e diplomata em missões na França, Holanda, Inglaterra e Roma.

Entre os anos de 1652 e 1661, comandou as missões jesuíticas no Maranhão e Pará. Em São Luiz do Maranhão, no ano de 1653, pronunciou o Sermão da Primeira Dominga da Quaresma (ou das Tentações) onde tentava apaziguar as tensões geradas pelo Diploma Real que mandava libertar os índios nativos. O que deixa em evidência a participação do jesuíta nos assuntos gerais, ainda que pautado pela religião.

Em razão de seus escritos histórico-proféticos, Vieira sofreu um processo inquisitorial em Coimbra. Em 1669 partiu para Roma em busca da revisão de sua sentença e recebeu o convite de Gian Paolo Oliva, padre geral da Companhia de Jesus, para sucedê-lo como pregador do Papa.

Finalmente em 1675, Vieira recebeu absolvição pontifícia, retornou em seguida a Portugal onde iniciou a publicação de seus sermões, e depois veio para a Bahia, onde faleceu



em 1697.

## **Os jesuítas e o adoecimento**

Os jesuítas estiveram em diversas partes do mundo, enfrentaram epidemias e dispensaram muitas vezes cuidados aos enfermos. Nestas terras, segundo Salgado (1991, p. 139), no século XVI as doenças encontradas pelos primeiros portugueses e a ausência de médicos para dispensar tratamento aos doentes, impulsionaram os trabalhos jesuítas nos cuidados aos enfermos e durante os dois séculos que permaneceram no Brasil (1549-1759) prestaram assistência no enfrentamento de surtos de malária, febres e enfermidades causadas pelo clima.

Na Europa, por sua vez, o combate à peste causava também perdas para a Companhia e gerava questões entre os religiosos não só sobre a causa e os efeitos da doença, mas também sobre seus remédios e a maneira como se proteger.

Os jesuítas no século XVI não se afastaram da ideia presente desde a Antiguidade de que as doenças eram maneiras de intervenção divina, possuindo assim um duplo papel. A doença era vista sob duas perspectivas fundadas na cultura cristã: de um lado a doença seria a punição e de outro uma possibilidade de redenção, pois, como maneira de combate à doença e entre os remédios estavam confissões, comunhões, procissões e orações de proteção, além de recomendações sobre a condução da vida social. (Martin, 1996, p.93).

Vejamos um exemplo desta maneira de enfrentamento da doença: nos relatos jesuítas sobre a peste, estavam relacionadas suas causas e entre elas as paixões da alma, os afetos. Assim, como causa primária para o aparecimento da doença estava o desejo de Deus frente aos atos humano. Antonio Possevino escreveu sobre os pecados como a principal causa da doença, porém considerou ainda a má qualidade dos humores ou da corrupção do ar como meios de disseminação. Neste sentido, em 1577, o jesuíta escreveu um panfleto sobre as causas e os remédios da peste. Ele listou em diferentes categorias suas causas. Entre elas estão o orgulho, ambição, arrogância, blasfêmia, heresia, roubo, luxúria, canções profanas, desonestidades, conversas indecentes, roupas suntuosas, figuras nuas e livros não recomendados. Entre os remédios, o esforço humano para cura da doença poderia ocorrer em três diferentes campos: individual, institucional e coletivo. Os três níveis articulados com a



lista de pecados, assim, por exemplo, recomendava-se o fim de negócios ilícitos. Os remédios e as causas para a peste indicavam, tanto aos doentes quanto aos sãos, maneiras de condutas na vida social e individual. (Martin, 1996, p. 79).

Athanasius Kircher em 1658 publicou um tratado sobre a peste com o reconhecimento dos médicos de sua época. No *Scrutinium pshysico-medicum contagiosae luis, quaes pestis dicitur Pestis*, estão presentes ideias sobre a maneira de propagação da doença: cada corpo exalaria certas emanações, corpúsculos, de sua natureza essencial; essas emanações imperceptíveis permaneceriam nas roupas dos cadáveres, em peças de madeiras e lençóis. Ativados pelo calor, absorvidos pelos poros ou pela respiração produziriam a peste e assim contaminariam os ares e as águas<sup>6</sup>. (Kircher, 1658/1970, p. 475). Portanto, para Kircher, apoiado nos saberes médicos de seu tempo, as emanações dos corpos e a corrupção do ar figurariam entre as causas de disseminação da peste.

No *Sermão de São Roque*, de 1659, Vieira falou a seus ouvintes sobre a peste, a mais terrível das doenças de seu tempo. (Vieira, 1659/1998, vol. II). As características da enfermidade eram o que a fazia tão devastadora: a transformação dos elementos da vida em elementos de morte e a solidão do enfermo. Mas Vieira, ao descrever o adoecimento e a doença, conduzia seus ouvintes à reflexão sobre o papel que o conhecimento de si e a razão poderiam desempenhar no devir dos indivíduos. Assim, o jesuíta acentuou o papel exercido pelas paixões na maneira dos indivíduos conduzirem-se na vida social, política e familiar.

Em resumo: o saber jesuítico, no século XVII, englobava causas secundárias e primárias entre as causas da peste. Apesar de permanecerem as representações antigas da doença como originada em Deus, eram abordadas também as causas secundárias, que eram divididas em causas naturais (a corrupção do ar, por exemplo) e não naturais (envenenamento intencional da água). (Martin, 1996, 83).

## **Os sermões de Antonio Vieira e o interesse pelo comportamento, os afetos e o adoecer**

---

<sup>6</sup> A noção de emanações que se espalhavam pelos ares e água foram objetos de muitos livros sobre a prevenção das pestes. Perfumes e bálsamos eram indicados como remédios, além de amuletos e cânticos para prevenção e cura. A ideia sobre a contaminação dos ares influenciou inclusive a construção de cidade e casas. Estas ficavam contra o vento dos portos que se tornaram então porta de entrada para os males além-mar. A pintura de Peter Bruegel, de 1652, condensa as diversas ideias e representações a respeito da peste: os ares pestilentos, as paixões etc.



Os sermões religiosos pronunciados no século XVII, eram importantes ferramentas, umas das poucas, para modelagem dos comportamentos e transmissão de valores morais. Apresentavam e fundamentavam-se na psicologia aristotélico-tomista a respeito da natureza do homem e na possibilidade de conversão. Vale lembrar que a conversão não era somente uma maneira de reencontro com Deus, mas acima de tudo uma forma de manter alguma ordem (natural) em um mundo que passava por grandes transformações.

O interesse dos jesuítas pela ciência da alma, interesse sobretudo operacional (na medida que buscava uma ordenação prática das ações e das paixões, portanto, pedagógico), reflete um homem psicológico que sente os efeitos de sua condição.

Portanto, os sermões são representantes dos saberes que circularam na cultura luso-brasileira sobre o Homem. Estes saberes, enquanto ferramentas que buscavam algum efeito, desvelavam aquilo que era o Homem sob a perspectiva de uma compreensão jesuítica da ciência da alma.

Havia, portanto, para os jesuítas, a ideia de uma natureza do Homem. E é a partir dessa natureza que ele deve se portar. Desta forma, a importância e o interesse sobre as chamadas paixões da alma residem na possibilidade destas o conduzirem ao descontrole e ao adoecimento.

O interesse jesuítico sobre o comportamento e as paixões da alma, no sentido de ordená-los, apresenta-se em diversos momentos. Vemos desde o subtítulo dos *Exercícios Espirituais*, de 1537, escritos por Ignácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, que o objetivo era de “vencer a si mesmo e ordenar a própria vida, sem se determinar por nenhuma afeição desordenada”.

A perspectiva “psicológica” encontra-se na influência dos afetos sobre o comportamento e a doença, seja como causa primária, seja como um de seus efeitos. E ainda, é no âmbito da palavra, no manejo dos afetos, que o médico da alma, termo utilizado por Vieira no *Sermão da Sexagésima*<sup>7</sup>, opera a cura. Cura, assim como as palavras remédio, doença, enfermidade, carregam em si diversos sentidos.

A cura do corpo é de responsabilidade do médico e do enfermeiro para os quais o doente tem de demonstrar paciência e resignação. No entanto, a cura da alma é o ofício do

---

<sup>7</sup> Utilizaremos itálico na menção dos sermões de Vieira. Trabalhamos para o desenvolvimento deste trabalho com a edição dos *Sermões* de 1998 realizada pela Edelbra.



jesuíta. Aqui, é importante alertar o leitor que isso não significa que os jesuítas eram algum tipo de psicólogos, considerações como essas seriam um grande e grosseiro erro. Enquanto portadores de algum conhecimento sobre o psiquismo compreendiam, por exemplo, que no momento de enfermidade os indivíduos estavam mais propensos às tentações do diabo, assim encarregavam-se dos cuidados aos enfermos.

No *Sermão da Sexagésima*, Vieira escreve sobre o ofício do médico da alma, associando-o com a atividade do pregador e os efeitos da palavra sobre seus ouvintes:

Pois gostarem ou não gostarem os ouvintes! Oh, que advertência tão digna! Que médico há que repare nos gesto do enfermo, quando de lhe dar saúde? Sarem e não gostem; salvem-se e amargue-lhes, que para ÍSSO somos médicos das almas. Vieira (1655/1998, vol.I, p. 251).

Vieira no *Sermão da Segunda Dominga do Advento* explicita uma vez mais esta relação entre o ofício do pregador e do médico:

O mau médico encarece a enfermidade, e não lhe dá remédio: o mau conselheiro exagera os inconvenientes, e não dá meio com que os melhorar. O ofício do pregador é de curar e de aconselhar. Tenho encarecido a enfermidade, tenho ponderado os inconvenientes, tenho mostrado a cegueira e a sem-razão, a injustiça e a tirania do juízo dos homens; mas que é do remédio para nos livrarmos deste juízo? Vieira (1669/1998, vol. VI, p. 219).

Assim, enquanto o médico cura o corpo oferecendo ao paciente o cuidado e o remédio adequado, o ofício do pregador, a fim de cuidar da alma, é de aconselhar, instruir, revelar a cegueira, a enfermidade e o desconhecimento.

No centro deste tema estão os termos Razão, Entendimento e Paixão. Por exemplo, no *Sermão de São Roque*, o tema da enfermidade é por último tratado para que se fique mais na memória, um recurso para a utilização da razão; no *Sermão do Mandato*, pronunciado no Hospital Real, em 1643, escreve o jesuíta que o amor de Deus pelo homem é enfermidade incurável que pode ser remédio das loucuras, ou da não utilização da razão última, do amor do próprio homem. (Vieira, 1643/1998, vol. VII, p. 121).

Para designar as enfermidades do corpo, Vieira utiliza os termos doença ou enfermidade, assim como se utiliza dos mesmos termos para falar da condição própria ao gênero humano. Conforme o *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*: “Alegra-te enfermo



gênero humano, alegra-te, e começa a esperar melhor de teus males, porque virá o Sol de justiça, e te trará a saúde nas asas.” (Vieira, 1640/1998, vol VII, p. 416-417).

Assim, o gênero humano, enfermo, tem na Palavra, a cura de seus males. Mas é preciso compreender a Palavra, e compreender a própria natureza do homem.

## **Diferentes enfermidades, diferentes sentidos**

Observamos então duas perspectivas indissociáveis quanto ao adoecimento: a enfermidade do corpo e a enfermidade da alma relacionada diretamente à imaginação, conforme o *Sermão de Nossa Senhora do Ó*. (Vieira, 1640/1998, vol III, p. 309). Enquanto a primeira é também uma consequência de ser mortal, a segunda possui uma íntima relação com o gozo e os apetites.

São Roque era tradicionalmente evocado contra a peste, o santo serviu ao jesuíta como imagem para proporcionar aos ouvintes não somente a transmissão e a compreensão sobre o surgimento e a disseminação da doença, mas como uma tentativa de consolidar uma determinada conduta conforme a natureza e a finalidade do homem segundo os preceitos sustentados pela psicologia-filosófica aristotélico-tomista corrente na antiga Companhia de Jesus.

Segundo Massimi e Pimenta (2007) os pregadores jesuítas, munidos do instrumento retórico que é a metáfora, buscavam imagens que aproximassem seus discursos ao entendimento de seus ouvintes, e assim encaminhá-los ao entendimento do real. Pois, no *Sermão de São Roque*, a compreensão do real implica uma relação direta com o manejo das paixões da alma, o conhecimento de si e a razão.

E neste sentido a abertura do sermão apresenta os argumentos que mais tarde serão evidenciados como aspectos relacionados ao adoecimento na visão do jesuíta: a relação entre razão, afeto (gozo) e comportamento.

Se há bem-aventurança nesta vida, os servos de Deus a gozam, e se há duas bem-aventuranças, também as gozam os servos de Deus, porque as gozam os que são mais seus servos. Duas diferenças de servos vigilantes introduz Cristo na parábola deste evangelho. Há uns servos que vigiam nas horas menos dificultosas e arriscadas, ou sejam da noite ou do dia, e a estes chama o Senhor servos bem-aventurados: *Beati sunt servi illi, quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes*. Há



outros servos que vigiam na segunda e terceira vigia da noite, que são as horas ou os quartos de maior escuro e de maior sono, de maior trabalho e de maior dificuldade, de maior perigo e de maior confiança, e a estes servos, sobre a primeira bem-aventurança os chama o Senhor outra vez bem-aventurados: *Quod si venerit in secunda vigilia, quod si in tertia vigília venerit, beatti sunt servi illi*. Aquele grande servo de Cristo, cujas gloriosas vigilâncias hoje celebramos, S. Roque, não há dúvida que foi servo da segunda e terceira vigia. Nenhum vigiou, nenhum aturou, nenhum resistiu, nenhum perseverou, nenhum esteve nunca mais alerta e com os olhos mais abertos, nem no mais alto e profundo da noite, nem em noites mais escuras e mais cerradas. Mas quando eu, segundo a regra e promessa do Evangelho, esperava ver a S. Roque duas vezes bem-aventurado por estas vigilâncias, em lugar de o ver duas vezes bem-aventurado, acho-o não só duas vezes, senão quatro vezes desgraçado. Desgraçado com os parentes, e desgraçado com os naturais; desgraçado com as enfermidades, e desgraçado com os remédios. Se as bem-aventuranças e felicidades prometidas no Evangelho foram só felicidades e bem-aventuranças da outra vida, fácil estava a soltura desta admiração; mas Cristo não promete só àqueles servos que serão bem-aventurados e felizes na outra vida, senão que o serão, antes, que o são nesta. Vieira (1659/1998, vol. II, p. 25).

Esta primeira enunciação possui duplo papel. (1) Afirmar de imediato uma ação que conduz a bem-aventurança, portanto um modelo de conduzir-se relacionado à moral e a finalidade do humano. Assim, o jesuíta alerta e prepara seus ouvintes para o tema do sermão, as horas difíceis diante do perigo da peste, e a necessidade de se manter servo, conforme a razão e a natureza humana. Então, (2) Vieira neste ponto apresenta a noção de um gozo além do corpo.

Ao admitir a possibilidade de estar no mundo e não ser servo, o jesuíta introduziu o problema do uso da razão relacionada à escolha, o livre-arbítrio. Assim, a possibilidade de escolha está sujeita não a vontade natural, mas a intervenção e ao uso da razão que visa a uma finalidade, como expresso nos *Exercícios Espirituais* de Ignácio de Loyola:

De tal maneira que, de nossa parte, não queiramos mais saúde que enfermidade, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida breve, e assim por diante em tudo o mais, desejando e escolhendo somente aquilo que *mais* nos conduz ao *fim* para o qual somos criados. Servir a Deus. Loyola (1537/2003, p. 23).

A partir da visão inaciana, que permeou as obras jesuíticas, o ser humano possuía um



fim último que deveria reger sua existência, e sobre a face da terra, tudo seria criado para ajudá-lo a alcançar este fim. A finalidade dos *Exercícios*, conforme já é revelado em seu subtítulo, é de “vencer a si mesmo e ordenar a própria vida, sem se determinar por nenhuma afeição desordenada.”

Ordenar a vida e evitar a desordem de alguma afeição é o que fundamenta o objetivo das penitências externas. Conforme os mesmos *Exercícios*, vencer a si mesmo é fazer com que a sensualidade obedeça à razão. (Loyola, 1537/2003, p. 47). Em outras palavras, é evitar com que a paixão se torne enfermidade ou ainda, com que conduza ao adoecimento.

Se, como escreveu o fundador da Companhia de Jesus, a natureza do homem está em servir a Deus e assim salvar-se, e se tal medida então indica o que é natural, no desvio deste fim encontramos o papel exercido por alguma satisfação sensual. Aí está a importância do manejo das paixões e principalmente do conhecimento de si para um jesuíta.

No mesmo sentido, para Vieira a satisfação sensual e o desvio da razão permanecem articulados quanto ao surgimento da doença e a aproximação ou distanciamento da finalidade que determina a vida humana. É assim que o desejo, o gozo, adquirem grande importância, pois o desejo é o leme da natureza humana. (Vieira, 1654/1998, vol. I, p 121).

Desta forma, o problema da escolha e do desvio da finalidade e da razão humana, neste sermão, relaciona-se não só com a importância da utilização da razão, mas sim com o desejar o que está de acordo com o humano, sua natureza e finalidade. E neste sentido, a conversão é acima de tudo uma forma de conhecer-se, de desejar e aderir a uma maneira precisa de se conduzir no mundo e dar-lhe sentido. É então o que mantém a integridade física, moral e psíquica. (Figueiredo, 1992, p.41)

Na obra de Vieira encontramos ainda uma outra perspectiva sobre a ideia de adoecer que se refere ao campo político. Aqui arbitrariamente não trabalharemos com esta perspectiva.

Ao escrever sobre a peste no *Sermão de São Roque* o jesuíta uma vez mais acentuou o papel das paixões da alma no surgimento das enfermidades. Na verdade, o jesuíta determina o lugar dos afetos entre as causas primárias<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Desde a antiguidade encontramos o tema do adoecimento como uma forma de punição a um comportamento. Vejamos, por exemplo, Édipo Rei, de Sófocles. Vale ainda lembrar que desde as grandes epidemias de peste sofridas pela Europa, os jesuítas mencionavam os afetos (raiva, sensualidade, ambição etc) como causa do surgimento da terrível doença. Ao mesmo tempo, recomendavam orações e penitências como remédio para a



Nesta perspectiva destaca-se a tríade desejo - comportamento - enfermidade, ao falar sobre a tristeza no *Sermão da Quarta Domingo depois da Páscoa*<sup>9</sup> o jesuíta explicita esta mesma relação:

A enfermidade mais universal que padece neste mundo a fraqueza humana, e não só a mais contrária à saúde dos corpos, senão também a mais perigosa para a salvação das almas, qual cuidais que será? É a tristeza. Primeiramente é enfermidade universal de todos os homens, e universal igualmente de todas as terras, porque nenhuma há tão sadia, e de ares tão benignos e puros que esteja isenta deste contágio, e nenhum homem tão bem acomplecionado de todos os humores que quase habitualmente não esteja sujeito aos tristes acidentes da melancolia. Vieira (1998, vol VIII, p. 362-363).

Vejamos: a tristeza, mal que acomete o ânimo, é também contrária a saúde dos corpos. Vieira apresenta-nos a integração entre o corpo, o *ânimo* e a alma. Na verdade esta unidade entre corpo e alma é definida no *Sermão As Cinco Pedras da Funda de David*: “crer e entender que o corpo não é parte do homem, é erro de Platão; estimar o corpo e tratar o corpo, como se não fora parte do homem, é Teologia de S. Paulo, e sabedoria do terceiro Céu”. (Vieira, 1639/1998, vol I, p. 345).

Ainda quanto à tristeza, o que o jesuíta destacou é a dinâmica paixão-comportamento:

Se a tristeza é por afronta, persuade-lhe a que a vingue, ainda que seja por traição, como a Absalão, que contra as obrigações do sangue e leis da hospitalidade, matou aleivosamente a Amnon. Se a tristeza é por inveja, persuade-lhe que derrube o invejado, posto que inocente e benemérito, como Amã, valido de el-rei Assuero, ao fidelíssimo Mardoqueu. (Ibid, p. 369).

Assim, a tristeza, enquanto enfermidade da alma, desperta o desejo que incita à ação, ao comportamento.

No que se relaciona às enfermidades, sejam do corpo, sejam da alma ou da imaginação, desempenham importante papel para a cura, a palavra, a memória, a imagem e a razão: está aí a pretensão do pregador.

(...) eis aqui o que devemos pretender de nossos sermões: não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhe pareçam

---

<sup>9</sup> peste.  
<sup>9</sup> A data deste sermão permanece desconhecida.



bons nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições, e enfim, todos os seus pecados. Vieira (1655/1998, vol I, p. 164).

O que é a ambição, senão o desejo de possuir ou de ser? O que são para o Homem os costumes, a vida e os passatempos, senão efeito do mesmo desejo?. Parece-nos assim, que o jesuíta estabelece um *continuum* entre o mundo externo e o interno.

Já no *Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma*, de 1644, Vieira anuncia:

Temos hoje em controvérsia os dois mais poderosos afetos, e os dois mais perigosos da vontade humana. Tão poderosos que, se a vontade o vence, é senhora; tão poderosos que, se eles vencem a vontade, é escrava. E que dois afetos são estes? Amor e Ódio. Vieira (1644/1998, vol III, p. 311).

A vontade, sujeita aos afetos, é o leme que conduz a natureza humana, escreveu o jesuíta no *Sermão de Santo Antônio*. E desta forma acentua a importância do papel da razão sobre os mesmos afetos.

Em duas passagens de diferentes sermões Vieira escreve sobre os hábitos e intrinsecamente articula o papel das paixões.

No *Sermão da Segunda-feira depois da Segunda Domingo da Quaresma*:

(...) irão nas suas invenções – *in adinventionibus suis* – e que invenções são estas? São como as que os homens inventaram para andar mais descansados: *Quase in quibusdam vehiculis* – Os da Europa andam em liteiras e carroças, os da Ásia em palanques, os da América em serpentinhas; e estas duas invenções são para ir mais fácil e mais descansadamente ao inferno. Vieira (1652/1998, vol VII, p. 454 – 455).

E no conhecido *Sermão da Sexagésima* o jesuíta escreve:

As palavras do Batista pregavam o jejum, e repreendiam os regalos e as demasias da gula; e o exemplo clamava: Ecce Homo: eis aqui está o Homem que se sustenta de gafanhotos e mel Silvestre. As palavras do Batista pregavam composição e modéstia, e condenavam a soberba e a vaidade; e o exemplo clamava: Ecce Homo: eis aqui está o Homem vestido de peles de camelo (...) As palavras de Batista pregavam o desapego e retiros do Mundo, e fugir das ocasiões e dos homens (...). Vieira (1655/1998, vol. I, p. 207).

Em outro de seus sermões, o jesuíta menciona o clima como estímulo para o ócio e



consequentemente para a imaginação, a mentira e o vício no Maranhão, em 1654:

Se o clima influi soberba, nasce a inveja, se influi gula, nasce a luxúria, se influi cobiça, nasce a avareza; se influi ira, nasce a vingança. E para nascer a mentira, que é que influi? Ociosidade. Onde o clima influi ócio, dá-se a mentira a perder. Vieira (1642/1998, vol. IV, p. 14).

Mais adiante o jesuíta destaca o papel das imaginações no comportamento: “Senhores meus, vivemos em uma terra muito ociosa, e por isso muito sujeita a imaginações”. (Vieira, 1642/1998, vol IV, p. 14)

No *Sermão de São Roque*, o jesuíta explicita a desventura do santo e os riscos que o mundo oferece ao Homem<sup>10</sup>, o tema converge para uma unidade no que se refere às ideias do jesuíta, para uma caracterização do humano, sob a égide da Teologia: esperanças e desejos, espelhados pelas relações nos campos religioso, político e econômico.

Cabe ainda destacar um importante aspecto sobre o interesse do jesuíta e o dinamismo psíquico. Vieira destaca no *Sermão de São Roque* o papel exercido pelas paixões da alma no esquecimento do homem de sua condição: *pulvis es, et in pulverim reverteris*.

O desconhecimento está intimamente relacionado com o esquecimento da natureza humana e assim com a maneira de agir no mundo. Desta forma a memória passa a ser um importante elemento para o sermão. Parceira de uma imagem que fixa o objeto do discurso. É um mecanismo por onde se potencializa o entendimento de si e se oferecia ao ouvinte uma compreensão do real.

Tendo em vista este princípio o objetivo do pregador, é, através do sermão, “exercer uma influência intelectual ou racional (*docere*), mas, sobretudo criar um clima afectivo favorável (*delectare*) que permitisse uma total receptividade acrítica por parte do auditório em relação a mensagem do pregador (*movere*)”(Carolino, 1997).

Através destas ferramentas tem-se o objetivo de conduzir o homem ao conhecimento de si, ao manejo adequado de suas paixões e a conversão.

Portanto, a conversão é para Vieira uma maneira de conduzir-se no mundo conforme a razão, a natureza e finalidade humana.

## Considerações finais

---

<sup>10</sup> A relação com os semelhantes, a guerra e a doença.



Conforme nos relembra Antunes (2007, p. 20-21), o processo de colonização no Brasil foi fundamentalmente exploratório. Assim, a metrópole decidia o que deveria ser produzido tendo a finalidade exclusiva de lucro. Tal condição exigia a organização de fortes mecanismos repressivos amparados por “um sólido aparato ideológico, sustentado principalmente pela Igreja Católica, cuja função precípua era transmitir e manter uma ideologia que, em última instância, legitimasse a exploração da colônia”.

Ainda que os conhecimentos produzidos possuíssem a condição de dependência em relação aos interesses da metrópole, é necessário destacar o caráter original no que se refere às ideias psicológicas: os estudos sobre o desenvolvimento e educação das crianças, a determinação do ambiente no comportamento, o reconhecimento da capacidade intelectual feminina, as preocupações no contexto social e político etc. Vale lembrar, segundo Massimi (2009, p. 36), que a América Latina seria o campo de realização das impossibilidades do Velho Mundo, sendo a possibilidade de concretizá-las pelos europeus através da dominação militar, econômica e política.

Neste sentido, enquanto portadores e transmissores da tradição medieval e renascentista da Europa, os jesuítas tentaram concretizar na colônia além-mar, os sonhos de um Mundo Novo<sup>11</sup>.

Sendo assim, os Sermões apresentam-se como importantes representantes da cultura daquele período e interessante objeto para pesquisas sobre as ideias psicológicas.

A história das ideias psicológicas apresenta-nos diversas possibilidades de interface no estudo de conhecimentos que circularam em diferentes épocas e que demonstravam interesse pelo dinamismo psíquico.

Aqui apresentamos diversas passagens dos sermões de Antonio Vieira, tentando, não com certa dificuldade, analisar suas perspectivas a respeito do homem, de sua natureza e finalidade tendo como objeto a doença. Percebemos o grande interesse pelo manejo dos afetos, chegando inclusive o jesuíta a atribuir ao desejo, ao alvedrio, grande importância na determinação dos atos dos indivíduos e a disposição ao enfermar.

Os escritos de Antônio Vieira, como observamos, propõem princípios de conduta

---

<sup>11</sup> A questão do trabalho indígena presente no *Sermão da Epifania*, de 1662, é um exemplo disto. Neste sermão Vieira refere a identidade social, política e econômica dos índios, o que são condições para sua inserção de um novo corpo social cristão. Massimi (2009, p. 39).



moral ao definir o que é natural e não-natural ao Homem. É neste sentido que o observamos falar a seus ouvintes sobre a fragilidade de sua condição de mortais, e acentuar o papel do desejo e do gozo, das paixões da alma, determinando suas relações e seus destinos.

Se por um lado a doença do corpo pode originar-se dos ares contaminados, ainda assim, na visão do jesuíta, há uma intervenção que somente é desvelada com o uso da razão, o que significava uma conjunção entre a razão e a natureza. É então que o conhecimento de si, ou seja, a percepção e o reconhecimento da condição de mortais e da fragilidade diante da transitoriedade do mundo, desempenha o papel de acentuar o uso da razão. Assim, o enfermar, em última instância carrega uma representação ligada ao gozo, ao excesso e a não-razão.

Em resumo, o jesuíta refere diferentes sentidos para a enfermidade: o descontrole das paixões da alma, e estabelece desta forma uma relação gozo-enfermidade; a corrupção (enquanto enfermidade do campo social e político), como consequência de ser mortal destacando assim a relação transgressão-gozo-enfermidade.

Seriam estas representações correntes em nosso cotidiano? Afinal, o conhecimento técnico de nossa época suplantou as representações dos indivíduos sobre os males que os acometem? Deixemos em aberto estas questões.

## **Referência Bibliográfica**

ALFONSO-GOLDFARB, A. M. & BELTRAN, M. H. R. (Orgs). *Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: Educ/Livraria Editora da Física/Fapesp, 2004.

ANTUNES, M.A.M. *A psicologia no Brasil – leitura histórica sobre sua construção*. São



Paulo: Educ, 2007.

BACHELARD, G. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 1971.

CAROLINO, L. M. A Ciência e os Topoi Retóricos em Antônio Vieira: Um caso de Difusão Cultural em Portugal e no Brasil Durante o Século XVII. *Revista da SBHC*, 18, pp. 55-72, 1997.

FIGUEIREDO, L. C. *A invenção do psicólogo – quatro séculos de subjetivação 1500-1900*. São Paulo: Educ / Editora Escuta, 1992.

KIRCHER, A. *Scrutinium physico-medicum contagiosae luis, quae pestis dicitur*. Roma. Em T. S. Hall, ed. *A Source Book in Animal Biology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, pp. 473-476. (Original publicado em 1658), 1970.

LAPLANTINE, F. *Antropologia da doença*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

LOYOLA, I. *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*. São Paulo: Editora Loyola. (Original publicado em 1553), 1997.

\_\_\_\_\_. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Editora Loyola. (Original publicado em 1537), 2003.

MARTIN, A. L. *Plague? Jesuit accounts of epidemic disease in the 16<sup>th</sup> century*. Kirksville: Sixteenth Century Journal Publishers, 1996.

MASSIMI, M. *História da Psicologia brasileira – Da época colonial até 1934*. São Paulo: EPU, 1990.

\_\_\_\_\_. Estudos históricos acerca da psicologia brasileira: uma contribuição in *História da psicologia – Coletâneas da ANPEPP*. São Paulo: Educ, 1996.

\_\_\_\_\_. As ideias psicológicas na produção cultural da Companhia de Jesus no Brasil do século XVI e XVII. Em M. C. Guedes & M. Massimi. *História da Psicologia no Brasil – Novos rumos*. São Paulo, EDUC, Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Matrizes de pensamento em psicologia social na América Latina: história e perspectivas in CAMPOS, R.H.F. & GUARESCHI, P.A. (orgs). *Paradigmas em psicologia social: a perspectiva da Latino-América*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009

MASSIMI, M. & Pimenta, V. D. S. A palavra e a imagem na pregação do século XVII: um sermão de Antônio Vieira. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1): 138-147, 2007.

NASCIMENTO, F.A.F. *A ideia de enfermidade em um sermão de Pe Antonio Vieira*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2010.

SALGADO, A. J. Aspects of disease and healing in early colonial Brazil. In: Marques, M.G.



& Cule J. (Eds.). In: *The great maritime discoveries and the world health*. Lisboa: Escola Nacional de Saúde Pública, 1991.

SILVA, P. J. C. Medicina do corpo e da alma: os males corporais e o exercício da palavra em escritos da antiga Companhia de Jesus. *Memorandum*, 5, 55-68, 2003. Recuperado em 21 de novembro, 2007, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos05/silva01.htm>

VIEIRA, Antonio. *Sermões*. Erechim: Edelbra, (original publicado em 1679) 1998.